LIVRO DIDÁTICO: UM NOVO ELEMENTO NAS SALAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

TEACHING MATERIAL: A NEW ELEMENT AT THE CHILDREN'S EDUCATION ROOMS

Ana Paula Bolsan Sagrilo[1]
Thaise da Silva[2]

Resumo

A pesquisa teve por objetivo analisar a forma como o desenvolvimento da linguagem é pensada a partir dos conceitos e estrutura de um livro didático destinado a crianças da educação infantil. Para tanto, tendo como aporte teórico os estudos sobre alfabetização e letramento, foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo documental onde analisou-se as atividades voltadas para a alfabetização de um livro didático utilizado por uma turma de Pré I. Com base nas análises realizadas constatou-se que ainda se mantém métodos de ensino que utilizam o livro didático como ferramenta pedagógica imprescindível e que mesmo nos dias de hoje grande parte das atividades propostas apresentam exercícios que estimulam a repetição, memorização, junção de sílabas e a cópia de um modelo, abandonando propostas lúdicas e que priorizam a diversidade de materiais, acabando por atingir de forma menos eficaz a alfabetização das crianças.

Palavras chaves: Alfabetização. Educação infantil. Livro didático.

Abstract

The research had to analyze the way that the development of the language is thought from the concepts and structure of a textbook for children in early childhood education. Therefore, having as theoretical contribution the studies on literacy, a qualitative research of the documentary type was carried out where the analyzes carried out, it was observed that there are still teaching methods that use the activities present exercises that simulate repetition, memorization, the combination of syllables and the copy of a model, abandoning ludic proposals that prioritize the diversity of materials, ultimately reaching children's literacy less effectively.

Keywords: Literacy . Child education. Textbook.

INTRODUÇÃO

Ao analisarmos as práticas pedagógicas que permeavam o universo da educação infantil na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, chamou-nos atenção o uso do livro didático presente em muitas instituições da rede particular de ensino. Após o estranhamento inicial surgiu à curiosidade em saber como estes materiais eram pensados e quais os princípios e conceitos que permeavam sua elaboração. Diante disso este artigo tem o objetivo de analisar a

[1] Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). *E-mail*: anapaulabsagrilo@hotmail.com
[2] Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). *E-mail*: thaisesilva@ufgd.edu.br.

forma como o desenvolvimento da linguagem é pensada a partir dos conceitos e da estrutura de um livro didático destinado a crianças desta etapa educacional.

A pesquisa teve por finalidade averiguar algumas propostas de alfabetização apresentadas aos professores através de um livro didático, sendo que o escolhido para esta análise é muito usado nas escolas particulares de educação infantil da cidade de Dourados.

Neste trabalho fizemos uso de variados autores para estruturar o seu campo teórico de análise, entre eles destacamos: Soares (2003), que apresenta reflexões sobre a alfabetização desde o ingresso das crianças nas instituições educacionais; Mello (2005), que apresenta observações a respeito do desenvolvimento infantil e sua relação com a aquisição do sistema de escrita alfabético; Moraes (2001), que evidencia questões que abarcam as funções mentais das crianças; Ferreiro (2001), que aponta a importância da compreensão da escrita como uma função social; Silva (2012) que alerta para o fato do livro didático não somente sistematizar o ensino e transmitir os conteúdos, mas também subjetivar práticas e formar um jeito de pensar a educação e o desenvolvimento da linguagem/alfabetização e Kleiman (1995), que analisa as várias esferas de letramento que fazem parte do cotidiano infantil.

O tema da pesquisa surgiu devido ao fato de uma de nós trabalhar em uma instituição privada que tem o costume de fazer uso do livro didático em sua prática diária. Cercadas de perguntas quanto à função desse artefato na primeira etapa da escolarização e procurando reconhecer as possíveis contribuições ou não desse objeto didático nessa fase de processo das crianças, resolvemos realizar a investigação. Para tanto desenvolvemos uma pesquisa qualitativa do tipo documental, onde analisamos o livro didático de linguagem utilizado na referida instituição de educação infantil na turma de Pré I. As páginas selecionadas para análise neste artigo representam a estrutura de cada uma das lições do livro, dando um demonstrativo de sua elaboração total e do método de ensino presente no objeto de estudo.

Além desta Introdução este artigo se organiza em outras três partes. A primeira delas traça um panorama de como o desenvolvimento da linguagem é pensada na educação infantil, a segunda analisa lições do livro investigado e a última seção tece conclusões a respeito da investigação realizada.

Uma reflexão sobre a alfabetização na educação infantil

Na atual conjuntura a maior parte das crianças é colocada desde muito pequenas em situações de alfabetização (ação de ensinar a ler e a escrever) e de letramento (função social da leitura e da escrita), pois fazem parte de uma sociedade em que o código escrito está presente no cotidiano. Soares (2003) coloca que a sociedade em que vivemos é

essencialmente grafôcentrica, pois a escrita é valorizada em suas diversas facetas, sendo que ser alfabetizado torna-se essencial influenciando nas vivências cotidianas e nas questões que envolvem a vida política, econômica, social e cultural.

Assim, é observável que, embora gere polêmicas, a alfabetização está muito presente na educação infantil, principalmente em instituições privadas, pois estas buscam enfatizar atividades que desencadeiam o ensinamento da escrita, considerando que só assim as crianças serão capazes de acompanhar as séries posteriores e aproveitar significativamente seu tempo dentro da escola. Silva (2016) defende a ideia de que atrelar a sistematização do código ao futuro sucesso escolar das crianças é um mito. Sugere que na educação infantil deve-se desenvolver eventos de letramento e atividades em que a língua seja trabalhada de forma lúdica, através de parlendas, canções, trava-línguas... explorando a sonoridade das palavras.

A forma tradicional de trabalhar com a alfabetização é alvo de muitos questionamentos. Mello (2005) argumenta que muitas vezes a metodologia que pauta estas práticas é amparada em concepções tradicionais; com exercícios mecânicos, repetitivos e escolarizantes, ocultando atividades que são cruciais nesse primeiro período da escolarização dos indivíduos, pois a educação infantil antes de aspirar à alfabetização, precisa estimular algumas particularidades imprescindíveis para a aquisição da escrita. Segundo a autora antes de ensinar letras para as crianças pequenas devemos inseri-las em atividades de faz de conta e desenhos, uma vez que estas a prepariam para a aquisição do código. Deste modo, para que o desenvolvimento da escrita ocorra de forma significativa, às atividades lúdicas que envolvem brincadeiras e desenhos são indispensáveis nessa primeira etapa da educação básica:

> Por isso, o tempo dedicado ao desenho e ao faz de conta, na escola da infância, precisa ser revisto no intuito de receber uma atenção especial pelo professor. Ao tratar dessas atividades, não tratamos de atividades de segunda categoria, mas de atividades essenciais na formação das bases necessárias ao desenvolvimento das formas superiores de comunicação humana. (MELLO, 2005, p.28).

Moraes (2001) pondera que a aprendizagem do sistema de escrita alfabético, tanto no período que engloba a educação infantil como nas demais, necessita considerar as funções mentais dos pequenos. De acordo com a autora "[...] funções mentais como abstração e generalização se fazem necessárias, bem como a consciência reflexiva para o desenvolvimento da escrita (p. 92)". Seguindo essa mesma ideia, aponta que além da abstração e da generalização um terceiro aspecto é indispensável, referindo-se ao pensamento.

Solé e Teberosky (1998) salientam que a alfabetização deve possibilitar o uso da escrita em momentos reais e levar em consideração os conhecimentos já adquiridos pelas crianças.

Seguindo esse pensamento Ferreiro (2001), enfatiza que os pequenos ao serem inseridos no ambiente escolar já apresentam uma imensa bagagem sobre a função social da escrita, pois o mundo que lhes cerca é repleto de materiais que a apresenta. Contudo é papel das instituições escolares trabalhar com as crianças as práticas cotidianas de letramento, mostrando para que serve a escrita e o que ela representa, para que estudantes oriundos de ambientes menos letrados também tenham acesso a estas informações. A autora ressalta ainda que:

> A pré-escola deveria permitir a todas as crianças liberdade de experimentar os sinais escritos, num ambiente rico em escritas diversas, ou seja, escutar alguém lendo em voz alta e ver os adultos escrevendo, tentar escrever (sem estar necessariamente copiando um modelo); tentar ler utilizando dados contextuais, assim como reconhecendo semelhanças e diferenças nas séries de letras, brincar com linguagem para descobrir semelhanças e diferenças sonoras. (FERREIRO, 2001, p. 102).

Acompanhando esse ponto de vista, e defendendo a ideia de que apropriar-se do sistema de escrita alfabético é mais do que decodificar/codificar letras ou trabalhar com elas de forma isolada, Vygotsky (1995, p.183) destaca que "Ensinamos às crianças a traçar letras e a formar palavras com elas, mas não ensinamos a linguagem escrita". Desta forma é dever do educador possibilitar às crianças da educação infantil a entrada ao mundo da escrita de forma prazerosa, onde desenvolvam o ato reflexivo sobre a mesma, tenham contato com inúmeros materiais escritos, viabilizando e expressando suas ideias através deles.

Dentro dessa perspectiva a apropriação do sistema de escrita alfabético deve ocorrer de forma gradativa, onde é necessário respeitar as fases do desenvolvimento das crianças, levar em consideração os conhecimentos acumulados ao longo do tempo e a realidade de cada um para, a partir disso, produzir um trabalho de forma lúdica e apropriado para cada fase do seu desenvolvimento.

No entanto os métodos tradicionais de alfabetização, mesmo sendo avaliados como não muito vultosos para a aprendizagem por consistir em uma forma de ensino onde o professor é um mero transmissor de conhecimento e o estudante um receptor passivo, ainda estão muito presentes no cotidiano escolar. De acordo com Mello (2005) é possível averiguar que nas salas da educação infantil, são desenvolvidas atividades que apresentam características dos anos iniciais do ensino fundamental, visto que apresentam exercícios de escrita extremamente voltados para a sistematização, codificação e decodificação de letras, sílabas, palavras e frases.

Para Ferreiro e Teberosky (1985) o processo de alfabetização vai além dos métodos tradicionais, uma vez que as autoras pensam a criança como participante ativo do processo, pois esta busca entender a linguagem procura apropriar-se da mesma, cria hipótese, procura

regularidades e desenvolve sua própria gramática. Logo não se trata de uma reprodução ou transcrição de algo que lhe foi passado por um adulto.

Diante disso o estudo de artefatos educacionais, como o livro didático, é necessário para que seja possível analisar a forma como estes constituem as práticas de alfabetização e letramento no âmbito da educação infantil, pois atualmente há uma grande dúvida acerca de como deve acontecer à alfabetização/letramento na primeira etapa da educação básica.

O livro didático em questão

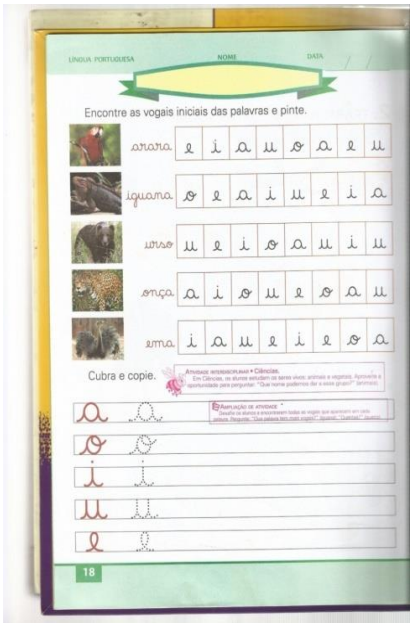
A escolha desse material para pesquisa, como apontamos acima, se efetuou porque uma de nós trabalha em uma instituição escolar que utiliza o livro didático em suas práticas cotidianas. Essa é uma escola privada de educação infantil localizada no centro de Dourados/MS. A turma que utiliza o livro analisado é denominada de Pré I, frequentada por crianças com idade que variam entre quatro e cinco anos.

Com relação às práticas que envolvem a alfabetização e o letramento na educação infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica mencionam que: "O que se pode dizer é que o trabalho com a língua escrita com crianças pequenas não pode decididamente ser uma prática mecânica desprovida de sentido e descentrada na decodificação do escrito". (DCNEI, 2013, p. 94)

O artefato examinado trata-se do livro didático *Lápis na mão*. Investigamos o exemplar designado ao educador, pois este fornece orientações aos docentes sobre a melhor forma de trabalhar as atividades propostas no livro. O volume concerne ao material de divulgação da editora FTD, ano 2012, de autoria de Maria da Salete Alves Gondim. O mesmo contém atividades de língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia, mas iremos nos deter a parte destinada as atividades de estudo da língua portuguesa, devido nosso foco ser a alfabetização e o letramento. Além desse livro a coleção dispõe de outros exemplares destinados às etapas anteriores a essa onde apresentam atividades que trabalham com motricidade, pintura, reconhecimento de vogais...

Iniciando a análise desse recurso, destacamos a primeira página que trabalha com as vogais (*Figura 1*).

Figura 1: Atividades presentes no livro *Lápis na mão* (Vogais)



Fonte: Gondim, 2012, p.14.

A página acima ilustrada apresenta duas atividades. A primeira delas exibe imagens de animais da fauna brasileira acompanhada da escrita de seus nomes em letra cursiva. Nela o aluno deve pintar a vogal inicial das palavras presente em quadrinhos ao lado das mesmas. O objetivo deste exercício é a localização da letra inicial. Pouco se exige de reflexão sobre a forma como o sistema de escrita é elaborado, nem se analisa a função da escrita no cotidiano. Trata-se de um exercício que em muito lembra o das antigas cartilhas de alfabetização. Sobre isso Silva (2012) pondera que, na maioria das vezes, os livros didáticos trabalham a aquisição do código com atividades voltadas muito mais para a cópia e memorização, do que com a organização de vínculos entre as letras, as sílabas, as palavras, as frases e os textos.

Nessa mesma lição é sugerido ao professor, a realização de uma atividade tida como interdisciplinar, pois apresenta a recomendação de correlacionar este exercício com a disciplina de ciências e com disciplina de matemática. Embora não seja o foco de nossa investigação fica a pergunta: O que este livro compreende por interdisciplinaridade?

Na atividade a seguir (*Figura 1*), é solicitado que o aluno cubra os pontilhados e copie as letras. Trata-se de uma tarefa que trabalha a motricidade fina da criança, porém sua produção cognitiva é praticamente nula, pois mais uma vez se exige pouca reflexão sobre a estrutura e organização da língua. Conforme Soares (2003) no âmbito escolar a língua escrita é trabalhada desde o início por meio de um método de "desaprendizagem" da escrita como utilidade de comunicação e passa a ser uma aprendizagem da escrita onde prevalece à cópia de um exemplo de texto.

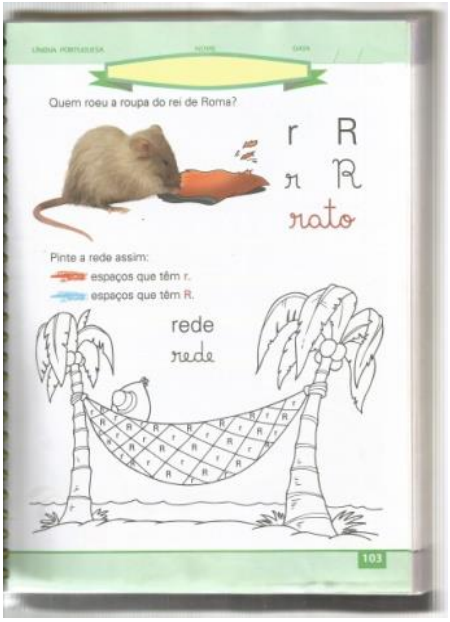
Como é possível notar nessas duas atividades relatadas, há uma preocupação em desencadear nas crianças a escrita alfabética, através de atividades que são pouco ou quase nada lúdicas assim como minimamente atraentes e interessantes para as crianças dessa fase:

> O conjunto de tarefas de treino de escrita, típico dos processos iniciais de apresentação da escrita para a criança na escola infantil e no ensino fundamental [felizmente há exceções] faz com que a criança passe longos períodos sem se expressar na escola: para as formas pelas quais ela poderia expressar-se – a fala, o desenho, a pintura, a dança, o faz de conta... que formam, aliás, as bases necessárias para a aquisição da escrita-, não há tempo uma vez que ela está ocupada com o treino da escrita, e pela escrita ela não pode expressar-se ainda, porque está ainda aprendendo as letras. (MELLO, 2005, p. 30).

As atividades que trabalham com as consoantes tem como padrão de apresentação conforme exposto no trabalho com a letra R.

Na primeira página é apresentada a letra R no seu formato maiúsculo e minúsculo, imprensa e cursiva acompanhada da escrita de uma palavra e da imagem que a representa, no caso rato, escrita em letra cursiva.

Figura 2: Atividades presentes no livro *Lápis na mão* (Lição letra R-reconhecimento)



Fonte: Gondim, 2012, p.103.

Na primeira atividade propostas para reconhecer a letra R (*Figura 2*), encontra-se uma pergunta a ser lida pela professora e pelas crianças, esta refere-se ao trava-língua "O rato roeu a roupa do rei de Roma..." que é uma continuidade fonética usada para gravar a consoante R. De acordo com Silva (2012), a consciência fonológica (no caso do trava-língua estaria sendo explorado a aliteração) é valorosa na aprendizagem da leitura e da escrita, pois quanto maior o

número de atividades realizadas na educação infantil voltadas para essa habilidade, maior será o sucesso da alfabetização, uma vez que nela tem-se a possibilidade de explorar a questão da oralidade, a sonoridade das palavras, as repetições... O que poderia ser tomado com algo extremamente produtivo e interessante para o desenvolvimento do processo de conhecimento da língua por parte dos pequenos, perde-se na pouca exploração dada a sonoridade do trava-língua. Não são dadas aos professores orientações de como explorar um dos conceitos chave da alfabetização, a consciência fonológica. Em seguida percebemos que as atividades que ganham evidência são as pautadas em uma concepção tradicional de ensino que prima pela decodificação e pela cópia. Na continuidade a lição também faz uso da imagem do rato roendo um pedaço de tecido, sendo esta proveitosa para que os discentes melhor compreendam o exercício proposto, Steyer (2001, p. 165) pondera que:

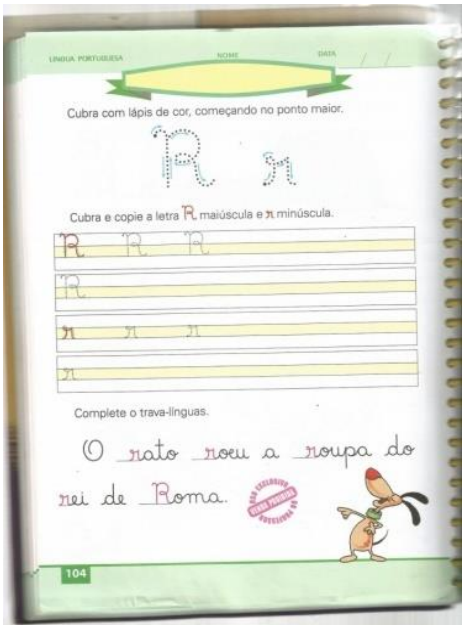
> Os 'indícios' que as crianças mencionam são riquíssimos para a compreensão de como a criança interpreta um texto e evidenciam que a questão 'ilustração e texto' ainda é uma importante fonte desses 'indícios' na faixa etária investigada.

No exercício a seguir é disponibilizada uma imagem de dois coqueiros com uma rede, onde cada quadriculado do tecido apresenta a letra R ora grafada em imprensa minúscula, ora em imprensa maiúscula. Os espaços que contém o primeiro tipo de R devem ser pintados com a cor vermelha e os espaços que contém o segundo devem ser pintados de azul. Ferreiro e Teberosky (1985) questionam a importância dada a letra cursiva e a minúscula nos primeiros anos de alfabetização. Segundo elas as múltiplas formas de grafar as letras devem ser sistematizados nas crianças após estas se tornarem alfabetizadas, para iniciar este processo sugerem que seja utilizado o formato imprensa maiúscula. Nesse mesmo exercício as crianças podem visualizar a palavra "REDE" constituída pela letra de imprensa minúscula e pela letra cursiva minúscula, está serve para associar a letra estudada com palavras.

Nessas duas propostas de atividades é plausível considerar que ocorre uma preocupação em ensinar o reconhecimento dos vários tipos de letras, no entanto acaba esquecendo-se de trabalhar atividades que retratam momentos de escrita com intuito comunicativo, sendo assim se repara um grande equívoco por falta de compreensão do papel da alfabetização e do letramento no trabalho com os pequenos. De acordo com Steyer (2001, p.150): "A Educação infantil não tem, para algumas professoras, valor por si só. O valor da Educação infantil está sempre no futuro, no que virá", isso é retratado nas atividades analisadas que buscam "adiantar/preparar" os educandos para as séries posteriores.

Na segunda página que versa sobre essa lição (*Figura 3*), outras três atividades são apresentadas envolvendo a consoante R.

Figura 3: Atividades presentes no livro *Lápis na mão* (Lição letra R-letra cursiva)



Fonte: Gondim, 2012, p.104.

A primeira é para cobrir com lápis de cor o pontilhado que forma a letra R cursiva maiúscula e minúscula. A segunda é para novamente cobrir os pontilhados e copiar a letra R maiúscula e minúscula. Ponderando sobre essas lições citadas podemos nos remeter a Mello (2005, p. 26) que discorre: "[...] na forma como em geral apresentamos a escrita para a criança, o ensino do mecanismo prevalece sobre a utilização racional, funcional e social da escrita".

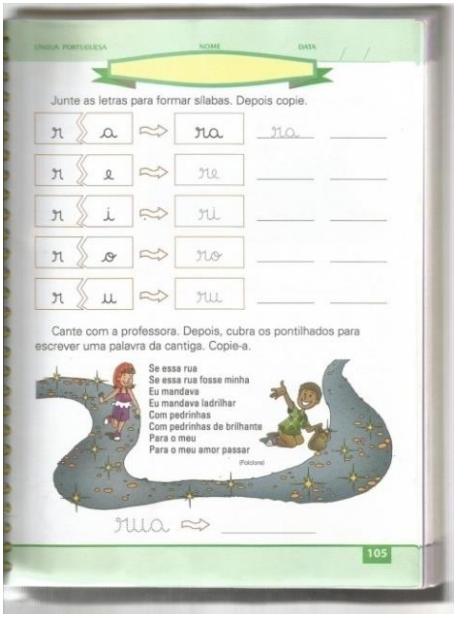
Na terceira atividade, solicita-se que o educando complete com a letra que está aprendendo, o trava-língua que trabalhou anteriormente. Analisando essa página é significativo salientar a ausência de imagens, pois essas são apreciáveis para a aprendizagem das crianças. Nesta mesma linha de pensamento Silva (2012) manifesta que o livro didático de Comenius, denominado *Didática Magna* (1639), abrangia dois aspectos que até hoje são levados em consideração. O primeiro é que os conteúdos devem estar de acordo com nível "escolar". O segundo remete-se a estrutura do conteúdo, que se refere ao uso de imagem, sendo essa eficaz por dar sentido ao que é lido, além de motivar a aprendizagem.

Percebemos nas três atividades desta página que a cópia, o treino, a repetição e a memorização são os aspectos que preponderam na sistematização do código. Embora apresente um trava-língua, esta atividade não é devidamente explorada. Os antigos métodos de alfabetização que privilegiam o "como se ensina" em detrimento do "como se aprende" para fazer parte da base metodológica do livro didático analisado. Como afirma Marzola

(2003) os antigos métodos de alfabetização vez por outra se utilizam de novas roupagens para adentrar no discurso vigente e buscar continuar se mantendo no cenário pedagógico atual.

Na terceira lauda (*Figura 4*), que dá continuidade ao estudo da letra R apresenta-se a família silábica da referida consoante. Nesta página encontram-se duas atividades.

Figura 4: Atividades presentes no livro *Lápis na mão* (Lição letra R - família silábica)



Fonte: Gondim, 2012, p.105.

Na primeira proposta é solicitado que se junte as letras para depois formar as sílabas e copiá-las. Mais uma vez a cópia de um modelo é à base da tarefa. A seguinte é para cantar com a professora a cantiga sugerida, depois cobrir os pontilhados de uma palavra da cantiga e por último copiá-la. De acordo com Silva (2012), essas atividades propostas parecem ter como finalidade contextualizar os exercícios no mundo infantil, por meio da valorização de diferentes textos, sendo que esse procedimento é realizado há bastante tempo pelos livros didáticos. No entanto de acordo com esse ponto de vista Silva (2012, p.159) propõe que: "Aparentemente, embora haja um esforço em trabalhar com diversidade de textos, as explorações das atividades feitas ainda são bem restritas...". Deste modo o que se nota é que por mais que haja o uso de um recurso muito rico como a cantiga, essa não é aproveitada da melhor forma possível, pois é somente trabalhada a palavra Rua, deixando de lado os outros aspectos que poderiam ser trabalhados nessa fase.

Através desta ordem de atividades apresentadas na lição referente à consoante R é concebível quantificar três atividades onde prevalece à leitura, cinco que exploram a aprendizagem do sistema da escrita e duas que trabalham com a oralidade, estas últimas são exercícios que possibilitam a leitura, porém as mesmas são utilizadas para recitação.

Verificando as diversas lições/unidades que exploram a presença das consoantes é possível notar algumas simetrias na apresentação dos exercícios, pois cada consoante possui em torno seis atividades, que constam: exposição da letra nas suas quatro diferentes formas de grafia, identificação de palavras que são sublimes no exercício, trabalho com lições silábicas, reconhecimento de palavras e de letras a partir de ilustrações, atividades de copiar, traçar, completar e pintar. Entretanto no que se refere à presença de pequenos textos, não são em todas as consoantes que esses se encontram e quando aparecem a forma de trabalhá-los é extremamente tradicional.

Frente à análise dessas atividades, é possível perceber que as mesmas nem sempre estão de acordo com a faixa etária do grupo de alunos com que são trabalhadas. Oliveira (1995) destaca que na escola, o ensino e a aprendizagem devem iniciar através do nível de aprendizagem da criança e deve-se ter como meta atingir o que a instituição propõe, sendo esta de acordo com a idade e nível de conhecimento e aptidão de cada turma. No entanto isso nem sempre é possível devido o livro já trazer estruturado e sistematizado o que deve ser desenvolvido com as crianças, sendo que esse se limita ao estudo das letras e das sílabas.

Portanto para finalizar essa análise pode-se dizer que é possível observar que o grupo de professores que precisa cumprir os exercícios propostos no livro didático, acaba não tendo tempo para desenvolver atividades como pintura, desenho livre e faz de conta, sendo esses primordiais. Uma vez que existe uma forte tendência em pensar na educação infantil como uma etapa preparatória para o ensino fundamental, conforme nos alerta Mello (2005).

É ainda apropriado dizer que há um tempo para a aquisição do sistema de escrita alfabético sendo assim, o brincar tem um papel importantíssimo na educação infantil, pois ao final do processo a escola não deve exercer somente a função de alfabetizá-la, mas sim fazer com que sejam cidadãos que saibam utilizar as diferentes práticas sociais de leitura e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo foi possível compreender que o uso desse livro didático na educação infantil não é algo tão significativo, pois o mesmo não oferece o real suporte para atingir o objetivo maior deste nível de ensino na esfera do desenvolvimento da linguagem escrita. Isso porque estas práticas estão mal compreendidas, isto é, acabam tendo como consequência a alfabetização dos pequenos e deixando de lado o letramento que é o mais importante, uma vez que possibilita a compreensão do uso da escrita e da leitura como uma função social.

Tendo como base as leituras e o estudo realizado é possível perceber que não se busca extinguir a escrita e a leitura nessa primeira etapa escolar, mas sim possibilitar um trabalho onde o sujeito com a mediação do professor possa refletir, elaborar hipóteses e construir seus conhecimentos. Portanto atividades de repetição, memorização e que não oferecem contato com diferentes gêneros textuais não são proveitosas para as crianças, sendo que acabam desmotivando os pequenos e não apresentando resultado aos educadores.

Pensamos que somente através de atividades lúdicas e de atividades que reflitam sobre o que é escrita, como esta se constitui e o que ela representa, que é possível viabilizar uma aprendizagem mais eficiente e prazerosa. Assim percebemos que não devemos substituir recursos que apresentam ludicidade, diversão, entretenimento, desenhos e faz de conta por recursos que não oferecem esses subsídios, pois os mesmos devem estar constantemente permeando esse espaço em que as crianças estão inseridas, a fim de possibilitar momentos ricos e diversos para interagir com o nosso sistema escrita alfabético.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*/Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília, 2013.

FERREIRO, Emilia*. Reflexões sobre alfabetização*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1985.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____ (org.). *Os significados do letramento*: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

MARZOLA, Norma R. Alfabetização: o discurso dos métodos. In: LAMPERT, Ernani (org.). *O ensino sob o olhar dos educadores.* Pelotas: Seiva, 2003. p. 209-220.

MELLO, Suely Amaral. O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições de Vygotsky. In: FARIA, Ana Goulart e MELLO, Suelly Amaral (Orgs.). *Linguagens infantis*: outras formas de leitura. Campinas-SP: Autores Associados, 2005. p. 25-41.

MORAES, Márcia. A aquisição e as funções mentais da criança da educação infantil. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite (orgs). *A criança de 0 a 6 anos e a Educação infantil:* um retrato multifacetado. Canoas: Editora da ULBRA, 2001. p. 88-96.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento um processo sócio-histórico.* 3ª. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

SILVA, Thaise da. Os "novos" discursos sobre alfabetização em análise: os livros de 1º ano do Ensino Fundamental de Nove Anos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2010)**.** 2012. 282f. *Tese* (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVA, Thaise da; TEIXEIRA, Márcia Prenda. *Linguagens, oralidade e cultura escrita:* um olhar para a Educação infantil. 2016 (no prelo).

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento na educação infantil. *Revista Pátio* - Educação infantil, Ano VII, n. 20 - Oralidade, alfabetização e letramento - Jul/Out, 2009.

SOLE, Isabel; TEBEROSKY, Ana. *O ensino e a aprendizagem da alfabetização*: uma perspectiva psicológica. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STEYER, Vivian Edite. Escrita e leitura na educação infantil: um mundo de possibilidades. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite (orgs). *A criança de 0 a 6 anos e a Educação infantil: um retrato multifacetado.* Canoas: Editora da ULBRA, 2001, p. 149-168.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. "El desarrolo del lenguaje escrito". In: *Obras Escogidas*. Madrid, v. 3. 1995.

FONTE

GONDIM, Maria da Salete Alves. *Lápis na mão*: integrado, educação infantil 3. São Paulo: FTD, 2012.

FIGURAS

FIGURA 1: Atividades presentes no livro *Lápis na mão* (Vogais). In: GONDIM, Maria da Salete Alves. *Lápis na mão*: integrado, educação infantil 3. São Paulo: FTD, 2012. p.14.

FIGURA 2: Atividades presentes no livro *Lápis na mão* (Lição letra R-reconhecimento). In: GONDIM, Maria da Salete Alves. *Lápis na mão*: integrado, educação infantil 3. São Paulo: FTD, 2012. p.103.

FIGURA 3: Atividades presentes no livro *Lápis na mão*(Lição letra R-letra cursiva). In: GONDIM, Maria da Salete Alves. *Lápis na mão*: integrado, educação infantil 3. São Paulo: FTD, 2012. p. 104.

FIGURA 4: Atividades presentes no livro *Lápis na mão* (Lição letra R - família silábica). In: GONDIM, Maria da Salete Alves. *Lápis na mão*: integrado, educação infantil 3. São Paulo: FTD, 2012. p. 105.